



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**HORTÊNCIA DIAS DE SOUZA**

**Amor, Prazer e Vingança: Uma Análise Psicanalítica do Conto “Os Sapatinhos Vermelhos” de Caio Fernando Abreu**

**MONTEIRO-PB  
2016**

**HORTÊNCIA DIAS DE SOUZA**

**Amor, Prazer e Vingança: Uma Análise Psicanalítica do Conto “Os Sapatinhos Vermelhos” de Caio Fernando Abreu**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB – Campus VI), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Joana Dar’k Costa.

MONTEIRO-PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729a Souza, Hortência Dias de  
Amor, prazer e vingança [manuscrito] : uma análise psicanalítica do conto "oO sapatinhos vermelhos" de Caio Fernando de Abreu / Hortência Dias de Souza. - 2016.  
47 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Exatas, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Joana Dar'k Costa, Departamento de  
Potuguês".

1. Amor. 2. Vingança. 3. Análise psicanalítica. 4. Conto. I.  
Título.

21. ed. CDD B869.3

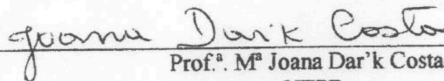
HORTÊNCIA DIAS DE SOUZA

**Amor, Prazer e Vingança: Uma Análise Psicanalítica do Conto “Os Sapatinhos Vermelhos” de Caio Fernando Abreu**

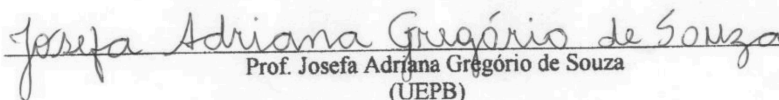
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB – Campus VI), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Aprovado (a) em 16 de março de 2016.

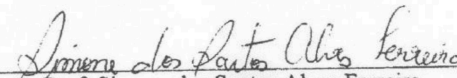
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup>. M<sup>a</sup> Joana Dar'k Costa  
UEPB  
Orientadora



Prof. Josefa Adriana Gregório de Souza  
(UEPB)



Prof. Simone dos Santos Alves Ferreira  
(UEPB)

MONTEIRO-PB  
2016

A Deus e a minha família, por acreditarem em mim nos momentos em que nem eu mesma acreditava e a memória dos meus avôs: Maria Marta e Lourival Cavalcante a quem ofereço essa vitória.

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo ao que me faz acordar todas as manhãs com muita saúde e coragem para enfrentar todas as dificuldades do dia-a-dia, aquele me faz acreditar na realização de um sonho e no meu potencial, aquele a quem devo a minha vida, aquele que me protege e me livra de todo mal, aquele que sem ele nada disso teria sentido e a ele ofereço minha vitória Jesus Cristo.

Agradeço a toda minha família pelo apoio constante até o último dia da graduação, em especial a minha mãe que sempre dividiu comigo todas as dificuldades que enfrentei e, sempre com uma palavra de incentivo que me deixava com muita coragem de seguir. A minha madrinha (in memoriam) que tanto me ajudou e torceu pela minha vitória: a ela que todos os meses tinha o prazer de me esperar na sua casa e dizer: “Tencinha, comprei umas coisinhas pra tu levar para Monteiro” e eu, com todo prazer, pegava aquela bolsinha que valia mais que muitos presentes caros que alguém pudesse me oferecer.

Sou grata, também, aos mestres que me acompanharam da alfabetização á formação superior. Em especial, a minha querida orientadora Joana Dar’k, por ter acreditado em mim e ter me dado força nos momentos mais difíceis, enfim, por toda dedicação, paciência que mostrou durante todo tempo, sem suas verdades e puxões de orelhas eu não teria conseguido. Além de ótima orientadora, Joana, também, é a melhor psicóloga do mundo, as aulas de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem não me deixam mentir, se já gostava de Psicologia fiquei mais apaixonada ainda. Obrigada por tudo, Joana, e como já mencionei a você mesma “vou estudar muito para ser pelo menos parecida com você”.

Agradeço também aos meus amigos de turma por todo carinho e por terem feito companhia nas melhores manhãs da minha vida, Fabiana de Siqueira Braz, Guilherme Mendes Sinésio e Ana Paula Rufino Pereira, agradeço a Deus por ter me dado a honra de conhecê-los e conviver por todos esses anos, por terem me ajudado a chegar até o fim e terem contribuído para realização deste trabalho.

Agradeço a minha grande amiga/irmã Maria Simone da Silva, que surgiu como um anjo na minha vida para somar felicidades e proporcionar momentos maravilhosos. Menina doce, carinhosa, companheira serei eternamente grata a ti e como já te falei, farei o máximo para te recompensar por tudo, enchendo-te de orgulho. Obrigada por me suportar todos os dias e saber fazer do que eu gosto só para me ver feliz. Agradeço também a minha amiga e companheira de apartamento Paula Maria pela paciência, carinho e pelas altas risadas que já demos juntas, nunca irei esquecer de cada detalhe.

Não se preocupe, não vou tomar nenhuma medida drástica, a não ser continuar. Tem coisa mais auto destrutiva do que insistir sem fé nenhuma? Ah, passa devagar a tua mão na minha cabeça, toca meu coração com teus dedos frios, eu tive tanto amor um dia.

*Caio Fernando Abreu*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar, sob o olhar da Psicanálise, os conflitos psíquicos vivenciados pela personagem Adelaide ao perder o ser amado, no conto “Os Sapatinhos Vermelhos” de Caio Fernando Abreu. Na trama, a personagem Adelaide é uma mulher de aproximadamente quarenta anos de idade que mantinha um relacionamento amoroso com um homem casado, e após cinco anos separam-se. Nossa pretensão é analisar a forma como Adelaide lida com a separação amorosa, bem como os mecanismos psíquicos por ela utilizados para fugir da dor provocada pela perda do amado. Para alcançar os objetivos propostos, baseamo-nos nos postulados psicanalíticos de autores que dedicaram seus estudos a temática em questão, dentre os quais podemos mencionar Sigmund Freud (1996), Igor Caruso (1984) e Juan-David Nasio (2007), bem como, outros autores que abordam a temática do amor e suas implicações. Para a Psicanálise, nunca nos encontramos tão desprotegidos do que quando amamos, pois amar também é sofrer. No conto Adelaide passa por uma experiência dolorosa após o término de um relacionamento amoroso, e como forma de fugir da dor, e superar o sofrimento por ele causado decide vingar-se do seu amado, saindo em busca de prazer em plena Sexta-Feira Santa. Ao tomar a decisão de satisfazer os seus desejos sexuais é travada uma batalha entre o Id e Superego no inconsciente da personagem. O id parece impulsioná-la a vingar-se do amado através de relações sexuais com outros parceiros e o superego tenta bloquear os impulsos do id. No conto, os sapatinhos vermelhos representam a manifestação do id da personagem, uma vez, que quando os utiliza o seu inconsciente (Id) é quem dita as regras dos seus atos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor; Vingança; Prazer; Sexo.



## **ABSTRACT**

This work has as main objective to analyze, from the perspective of psychoanalysis, the psychic conflicts experienced by Adelaide character to lose the loved one, in the tale "The Red Shoes" Caio Fernando Abreu. In the plot, the Adelaide character is a woman of about forty years of age who maintained a loving relationship with a married man, and after five years separate themselves. We intend to examine how Adelaide deals with loving separation and psychic mechanisms they use to escape the pain of loved loss. To achieve the goals, we rely on psychoanalytic assumptions of authors who have dedicated their studies the issue in question, among which we can mention Sigmund Freud (1996), Igor Caruso (1984) and Juan-David Nasio (2007) and other authors that address the theme of love and its implications. For psychoanalysis, we never met so helpless than when we love, because love is also suffering. In the tale Adelaide undergoes a painful experience after the end of a romantic relationship, and as a way to escape the pain, and overcome the suffering caused by it decides to take revenge of his beloved, going out in search of pleasure in full Good Friday. By taking the decision to satisfy their sexual desires is a battle fought between the Id and Superego in the character of the unconscious. The id seems to propel her to avenge the beloved through sex with other partners and the superego tries to block the id impulses. In the story, the red shoes represent the manifestation of the id of the character, once again, that when you use your unconscious (Id) who dictates the rules of their actions.

**KEYWORDS:** Love; Revenge; Pleasure; Sex.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I -O AMOR E SUAS MÚLTIPLAS FACES: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS</b> .....	13
1.1 Um sentimento chamado Amor.....	14
1.2 Os prazeres e desprazeres do Amor.....	16
1.3 O processo de elaboração da perda de um Amor .....	18
1.4O papel dos mecanismos de defesa do ego no processo de elaboração de perda de um amor.....	20
1.5 O inconsciente e a estrutura do aparelho psíquico humano.....	23
<b>CAPÍTULO II - ENTRE A DOR E O GOZO: UMA ANÁLISE DO CONFLITO AMOROSO VIVENCIADO PELA PERSONAGEM “ADELAIDE” DO CONTO “SAPATINHOS VERMELHOS” DE CAIO FERNANDO ABREU</b> .....	27
2.1. Caio Fernando Abreu e o conto “Os Sapatinhos Vermelhos” .....	28
2.2. A dupla identidade Adelaide/Gilda: conflitos entre o id, ego e o superego.....	34
2.3. 3A atuação dos mecanismos de defesa nas atitudes de Adelaide.....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46

## INTRODUÇÃO

A intertextualidade entre duas áreas distintas do conhecimento, neste caso, Literatura e Psicologia é de relevante importância na área acadêmica, pois apresenta a esse público uma nova maneira de analisar a realidade, uma vez que o público leitor tem o hábito de se identificar com os personagens de obras literárias. O conto é uma excelente gênero textual que pode ser trabalhada à luz da Psicanálise.

Sendo assim, o conto “os Sapatinhos Vermelhos” de Caio Fernando Abreu que se encontra presente no seu livro de contos *Os Dragões não conhecem o paraíso* constitui-se o corpus de análise deste trabalho. Este autor é conhecido por abordar temas bastante comuns na realidade humana, seus personagens são sempre bastante complexos e mexem com a imaginação do leitor. Este conto foi uma releitura da obra “Os sapatinhos vermelhos” de Hans Christian, que diferentemente da versão de Abreu foi escrita para crianças, mas que também assim como na releitura apresenta o sapato como um objeto que desperta desejos intensos nas personagens.

No conto analisado, o autor apresenta-nos Adelaide, uma mulher recatada de aproximadamente, quarenta anos de idade, que mantinha há cinco anos um relacionamento com um homem casado. Após todo esse tempo juntos, ele decide não mais querer manter a relação e a deixa sem nenhuma explicação. Adelaide sofre por ter sido abandonada, rejeitada pelo seu amado, por haver dedicado seu tempo a um sentimento que não era recíproco. Cansada de sofrer, ela decide se vingar do seu amado, e sai em busca de prazer em plena noite de Sexta feira Santa, calçando os seus sapatinhos vermelhos, que representam o clímax do conto.

O principal objetivo deste trabalho é analisar o conflito entre Id e Superego no inconsciente da personagem Adelaide. O Id e o Superego são conceitos que fazem parte da Segunda Teoria do Aparelho Psíquico, elaborada por Sigmund Freud (1923) com o intuito de procurar entender o enigma da mente humana. Para Freud a instância denominada Id está sempre em busca de prazer e satisfazer os seus desejos mais íntimos do indivíduo. Já o Superego está preocupado apenas com as regras morais, em fazer o que a sociedade estabeleceu como “certo”.

O interesse pela temática em questão surgiu a partir das aulas de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, as quais eram sempre prazerosas e deixavam a turma

inteira satisfeita por “fugir” da rotina de análises linguísticas, e ir para um “mundo novo” e desconhecido, mexendo com a imaginação de todos. Após sermos apresentados ao conto Os “*Sapatinhos vermelhos*” durante uma aula de literatura, não tivemos dúvidas de que ele era o que exatamente estávamos à procura para analisar neste trabalho, uma vez que tal conto é repleto de simbologias e fetiches, temáticas pouco abordadas na academia, mas que desperta o interesse dos alunos.

De uma maneira geral, pretendemos realizar neste estudo a análise dos conflitos existentes entre Id e Superego no inconsciente da personagem Adelaide, bem como a sua maneira de reagir/ lidar com o sentimento de Dor de Amar causado pela separação do ser amado. Adelaide demonstra sofrer pela perda do seu amado, por ter dedicado cinco anos da sua vida a alguém que não nutria os mesmos sentimentos por ela. Como forma de fugir do sofrimento e da dor sentida, o Id da personagem lhe sugere a fuga para adiante em busca de prazer, mas essa busca esbarra nos mandamentos estabelecidos pelo Superego, pois ela queria “vingar-se” e colocar os desejos do seu Id em plena Sexta feira Santa, época na qual os indivíduos se absterem de uma série de comportamentos, pois se realizados durante esse dia serão vistos como pecados.

A presente pesquisa é de caráter puramente bibliográfico, em que realizamos a leitura de diversos autores relevantes da área da Literatura, como também da Psicanálise, dentre os quais podemos citar Marina Colasanti (1984) que nos ajudou a melhor compreender o Amor; os postulados de Sigmund Freud (1996) acerca do inconsciente, bem como da estruturação do aparelho psíquico humano; Igor Caruso (1984) no que diz respeito a temática da separação dos amantes, e J.D. Nasio (2007) que a partir das suas análises psicanalíticas facilitou o nosso entendimento acerca das implicações da dor de amar.

Levando em consideração o conto, nosso estudo será norteado pela seguinte indagação:

De que maneira Adelaide busca aliviar a dor de amar provocada pela separação amorosa?

Para responder tal problema partiremos das seguintes hipóteses:

- Adelaide vê no prazer sexual a única maneira de escapar do sofrimento que está sentindo, pois agindo assim, irá amenizar a dor causada pelo abandono do seu amado, pois por ter uma idade já considerável ela acredita que não pode perder tempo.

- A atitude de sair em busca de conhecer novos parceiros para experiências sexuais nunca antes experimentadas por ela demonstra o seu desejo de seguir em frente, deixando o relacionamento anterior no passado.

O presente trabalho é composto por dois capítulos. No primeiro abordaremos os conceitos teóricos que serão utilizados na análise do conto, sendo este subdividido em cinco itens, que tratam sobre o Amor e suas implicações na vida dos amantes. Outro aspecto abordado neste capítulo é a separação amorosa bem como a dor e sofrimento causado por esta, que desempenha forte influência na vida do sujeito. Neste capítulo também abordaremos as duas teorias do aparelho psíquico formuladas por Sigmund Freud, uma vez que a análise do conto se detém na investigação do conflito entre o Id e o Superego. Também enfocaremos os mecanismos de defesa postulados por Freud, tendo em vista que a personagem Adelaide, utiliza-os como estratégia de fuga do sofrimento pela perda do amado. O segundo capítulo encontra-se dividido em três itens, nos quais partimos para a análise do conto, tendo por base o aporte teórico abordado no primeiro capítulo. Nas considerações finais fazemos um apanhado geral do trabalho apontando as suas principais contribuições e relevância.

**CAPÍTULO I**  
**O AMOR E SUAS MÚLTIPLAS FACES: CONSIDERAÇÕES**  
**PSICANALÍTICAS**

### 1.1. Um sentimento chamado Amor

O amor é um sentimento conhecido por todos nós, está intimamente ligado ao cotidiano do ser humano. Todos nós temos a necessidade de amar e sermos amados. Iniciaremos este trabalho, abordando este sentimento que nos é tão caro, mas que sabemos tão pouco sobre ele, o Amor. Marina Colasanti, em sua obra “E por falar em amor”, define-o como “[...] um sentimento de bem-querer intenso, com intenção sexual, voltado para outra pessoa”. (COLASANTI, 1984, p.13). Muitas vezes, comparamos o amor, ao afeto e a paixão, como se ambos tratassem de um mesmo sentimento que vai crescendo gradativamente, mero engano, cada um destes sentimentos possui as suas particularidades.

Segundo a referida autora, o amor não é o mesmo e nunca será o mesmo. Ele sofre variações de acordo com o contexto social e econômico. Quando a situação econômica do país está boa, os sujeitos tornam-se mais individualistas e tendem a manter relações amorosas que não duram, buscando satisfazer-se com objetos que satisfaçam o seu ego, pois acreditam que o dinheiro “compra tudo”. Nos períodos de crise econômica, as pessoas tendem a ficar mais amorosas e buscar o auxílio uns dos outros.

Tennov apud Colasanti (1984), através de uma pesquisa, pode constatar que as pessoas não sabem quando o Amor começa, apenas, sentem o seu início. O Amor também não é o mesmo para homens e mulheres, ambos os sexos têm a sua maneira de vivenciarem esse sentimento único. Por trás de cada indivíduo existe uma formação ideológica que o acompanha desde a sua infância. No que diz respeito ao Amor.

À mulher o amor é ensinado, desde o primeiro entendimento, como sendo o coroamento da vida. Ela cresce em preparação constante para o momento em que um amor – leia-se um homem apaixonado – entrará em sua vida. Para isso adquire uma série de conhecimentos específicos, destinados não só a abrigar aconchegadamente esse amor- como seu útero abriga o óvulo fecundado- mas a mantê-lo e renová-lo. (COLASANTI, 1984, p.19).

Nesse sentido, a autora nos diz que, diferentemente da mulher, que já nasce à espera de encontrar o amor da sua vida, com o homem o processo é totalmente diferente, ele nasce procurando evitar o encontro com o amor, buscando fugir do casamento. Quando o Amor acontece para o homem, ele não é visto como algo sublime, como ocorre para a mulher, mas, sim, como uma espécie de armadilha do destino. Para o homem, sexo e amor são coisas completamente distintas, já para a mulher não, amor é o principal motivo do sexo. Tal

diferença de ideologias nos faz entender o principal motivo dos relacionamentos amorosos serem tão complicados e desgastantes. É importante ressaltar que tal visão acerca da distinção do amor entre homem e mulher não pode ser considerada única, conforme aponta Colasanti, uma vez que sua obra foi escrita há algumas décadas em que as relações amorosas não eram tão complexas como hoje, mas, ainda assim, muitas das suas ideias podem ser observadas no cotidiano.

O amor envolve mais do que um sentimento entre duas pessoas. Por trás de um relacionamento há, implicitamente, a ideologia de cada parceiro, os seus familiares, as suas crenças, e, em alguns casos, outros relacionamentos, pois sabemos que na maioria das vezes a infidelidade sempre esteve presente nas relações amorosas. O “amor não é apenas a relação entre duas pessoas, mas, a relação dessas duas pessoas acrescida de todas as fantasias de cada um, e, em grande parte, ditada pelo passado recíproco”. (COLASANTI, 1984, p.21).

Todos nós sabemos o que é amor, embora, quando não sejamos capazes de definir tal sentimento precisamente, faltam-nos palavras, mas cada pessoa tem uma definição própria para Amor, que leva em consideração toda a sua formação pessoal.

Ele diz: “Eu te amo”. E o que a gente ouve não é: “Eu te amo tanto quanto posso dentro das limitações dessa relação e desse meu momento de vida, dentro das minhas próprias limitações, dos meus medos e dos meus fechamentos”, A gente ouve: “Eu te amo totalmente, para sempre, sem que nada, antes ou depois do nosso encontro, supere esse sentimento”. Ele fala de si, e nós ouvimos o cosmos. Ele fala do hoje, e nós entendemos o eterno. (COLASANTI, 1984, p.26).

Ainda de acordo com Colasanti (1984), os amantes são egoístas, pois sentem a necessidade de que o sentimento seja recíproco, e desejam que o outro sempre ame mais. Querem que o Amor afirmado por um dure eternamente, sem levar em consideração que a afirmação de que ama uma pessoa não depende, apenas, da vontade daquele que afirma, mas sim de todo um contexto social que o engloba. O indivíduo não pode prever, por exemplo, a morte do amado ou uma separação por motivos antes inimagináveis, inclusive uma traição, etc.

O amor sofre diversas modificações ao longo do tempo, “ao me apaixonar, hoje, por um novo objeto, tenho a súbita impressão de que essa paixão supera todas as outras que já senti”. (COLASANTI, 1984, p.27). É possível que uma pessoa ame várias vezes, e a cada novo amor ele irá ter a impressão de que ama mais do que amava anteriormente. Também é



possível que o indivíduo passe a sua vida inteira sem que tenha passado pela experiência de viver um grande amor.

## **1.2 Os prazeres e desprazeres do Amor**

O Amor é um sentimento que faz parte das relações humanas, seja nos momentos de felicidade e prazer ou nos de angústia e sofrimento, cada pessoa possui a sua maneira de lidar com esse sentimento. Todos os indivíduos tem a necessidade de amar e ser amado, pois nos sentimos mais protegidos, quando somos amados. Mas o que acontece, quando esse Amor se transforma em dor? É comum ouvirmos a seguinte frase: “amor e ódio caminham de mãos dadas”, até que ponto seria verdadeira essa afirmação? Neste item tentaremos refletir acerca dessas questões, abordando a Dor de Amar, provocada pela perda do ser amado, tomando como base os postulados de J.D. Nasio (2007) e Igor Caruso (1989) acerca da temática em questão.

O Psicanalista J.D. Nasio inicia seu livro “A Dor de Amar”, relatando um fato que ocorreu com uma paciente chamada, Clémence, que desejava ter um filho e após fazer tratamento conseguiu engravidar, mas, após o parto, o bebê faleceu de uma causa indeterminada. O autor toma esse acontecimento como ponto de partida, para começar a falar sobre o luto e a dor causada pela perda de um ser amado. O autor faz uma abordagem acerca da dor psíquica causada pela perda do ser amado, direcionando seu estudo as dores da perda, mais do que ao sentimento de “Amar” propriamente.

Nasio toma a morte do bebê, um ente querido de sua paciente Clémence como exemplo para dar início a uma reflexão maior acerca da dor de amar que é aprofundada no decorrer da obra, ele vai mostrando-nos que a dor, provocada pelo amor, não diz respeito, apenas, a perda pela morte de um ente querido como ocorreu com Clémence, mas também pela separação ainda em vida de pessoas que se amam. “O luto do amado é, de fato, a prova mais exemplar para compreender a natureza e os mecanismos da dor mental. Entretanto, seria falso acreditar que a dor psíquica é um sentimento exclusivamente provocado pela perda de um ser amado”. (NASIO, 2007, p.18).

O seu estudo, também, engloba a dor de um indivíduo causada pela humilhação, ou seja, quando uma pessoa pela qual se nutria grande afeto fere o outro intimamente com algo

que o faça sentir-se “menosprezado”, uma vez que tal sentimento é capaz de provocar uma dor imensurável naquele que é humilhado.

Outra espécie de dor que também é abordada pelo psicanalista é a provocada pelo abandono, ela aparece quando sentimos que fomos deixados de lado por alguém que amamos, podendo ser um amigo que não liga mais para saber como o outro está, ou até mesmo uma mãe que dá o seu filho recém-nascido para adoção, essa espécie de dor provavelmente nunca será esquecida por aquele que foi abandonado.

A mutilação também é abordada pelo autor como sendo algo capaz de causar um sofrimento extremo no indivíduo. Tal fato acontece quando o sujeito perde alguma parte do seu corpo, seja por ter sido vítima de uma violência ou por caso fortuito, a perda de uma parte do corpo dói tanto quanto a perda de uma pessoa amada, pois nestes casos perde-se “uma parte” de si.

Todas essas dimensões da dor citadas referem-se à perda de um objeto amado ou de um membro do próprio corpo, que se encontrava intimamente ligado a nós, fazendo parte do nosso funcionamento psicológico. O laço que nos une ao objeto ou a uma pessoa é denominado amor. Dessa maneira, o autor situa o seu estudo na dor causada pelo rompimento desse “laço”, o qual faz-nos compreender desde a dor psíquica à constituição do sentimento amor.

O autor afirma que os psicanalistas nunca se dedicaram ao estudar detalhadamente essa espécie de dor, nem mesmo Freud e Lacan, dois dos principais expoentes da corrente psicanalítica. Do ponto de vista da Psicanálise não há diferença entre a dor corporal e a dor psíquica, mas Nasio discorda, e toma a dor psíquica como objeto de análise em sua obra. “Ao contrário da dor corporal causada por um ferimento, à dor psíquica ocorre sem agressão aos tecidos”. (NASIO, 2007, p.31). Quando ralamos o joelho, por exemplo, imediatamente sentimos a dor causada pela agressão ao tecido, algo semelhante, também, acontece com o amor, quando rompemos o vínculo amoroso que nos unia a alguém, seja por uma traição, separação ou morte, o sofrimento, também, nos causa dor, a dor de amar, pois, amar, também é sofrer.

A dor de amar é “o afeto que resulta da ruptura brutal do laço que nos liga ao ser ou à coisa amada. Essa ruptura violenta e súbita suscita imediatamente um sofrimento interior, vivido como um dilaceramento da alma, como um grito mudo que jorra das entranhas”. (NASIO, 2007, p.32). A dor surge como um afeto provocado, não pela perda em si, mas pela

percepção do transtorno causado no íntimo daquele que sofreu a perda. Nasio define a Dor de Amar nas seguintes palavras:

Definimos a dor de amar como o afeto que traduz na consciência a auto percepção pelo eu da comoção provocada pela perda. Nós a chamamos então de dor traumática. [...] ela é a dor produzida quando o eu se defende contra o trauma, Mais precisamente, a dor de amar é o afeto que traduz na consciência a reação defensiva do eu quando, sendo comocionado, ele luta para se reencontrar. A dor é, neste caso, uma reação. (NASIO, 2007, p.37).

A separação amorosa provoca uma dor inexplicável no ser que ama. O precursor da Psicanálise Sigmund Freud já dizia que o ser humano nunca se encontrou tão desprotegido do que quando está amando. Embora o amor seja essencial no cotidiano, é inegável que ele também nos causa um mal enorme. Cada pessoa possui uma maneira particular de lidar com o rompimento do laço que o unia a outro ser, pois o ser que sofre estava habituado a ter a “presença” constante da pessoa amada em sua vida e de um momento para outro passa a conviver com a ausência do amado.

Na obra “A separação dos amantes”, Igor Caruso faz uma abordagem acerca da dor provocada pela separação de duas pessoas que se amam, apresentando-nos algumas etapas das quais o sujeito passa até que a dor da perda seja amenizada. Para ele entre a separação e a morte existe mais semelhança do que podemos imaginar. Conviver com a dor da perda é algo muito doloroso, apenas nos interessamos em procurar entender a confusão que acontece na nossa mente quando estamos sofrendo pela dor da perda.

### **1.3 O processo de elaboração da perda de um amor**

Quando o “laço”, chamado amor é rompido, ele provoca uma série de perturbações no indivíduo que sofre com a separação do objeto, ou do ser amado. O processo de separação de um amor é doloroso, e pode causar sequelas inimagináveis. De acordo com Nasio, após a separação amorosa o eu que sofre tenta recuperar-se do grande transtorno sofrido mantendo toda a sua atenção na imagem do amado projetada na mente, pois adaptar-se com a sua perda é um processo longo e doloroso, “[...] o eu fica inteiramente ocupado em manter viva a imagem mental do desaparecido. Como se ele se obstinasse em querer compensar a ausência real do outro perdido magnificando a sua imagem”. (NASIO, 2007, p.37). Dessa maneira, o eu passa todo o tempo dedicando-se a amar e odiar a imagem do outro desaparecido, dando

mais atenção ao amado do que para si mesmo. Quando a Efigie (representação da imagem do outro) atrai toda a atenção do eu, o indivíduo fica esgotado e perde o interesse por tudo que se encontra em seu exterior, o autor denomina esse processo de dor de reagir.

A perda do ser amado pode ser comparada a uma agressão externa, sofrida por um indivíduo, por exemplo, um braço lesado no caso da dor corporal. Quando se trata da dor de amar, não existe o ferimento real, mas sim, uma efigie da pessoa perdida. Ocorre uma “crispação defensiva do eu que intervém na gênese da dor física (dor de reagir), quando toda a energia psíquica pensa a representação do ferimento” (NASIO, 2007, p. 37).

Para minimizar toda a comoção causada pela perda do ser amado, o eu reage através de uma polarização de energias, no processo de desinvestimento e superinvestimento. Primeiramente o eu realiza o desinvestimento, onde a dor causada pela perda faz com que o indivíduo realize um desinvestimento de toda a sua atenção de qualquer coisa que possa prender o seu interesse. Em seguida, realiza um superinvestimento na representação da imagem do amado, detendo todas as suas energias representação da imagem do ser amado que já não existe mais fisicamente, provocando uma dor mental terrível.

A dor mental resulta assim de uma dupla reação defensiva: o eu desinveste subitamente a quase totalidade das suas representações para superinvestir maciçamente uma única representação, a representação do amado que não existe mais. O esvaziamento súbito do eu é um fenômeno tão doloroso quanto à contração em um ponto. Os dois movimentos de defesa contra o trauma geram dor. (NASIO, 2007, p.39).

É necessário um bom tempo até que a pessoa se adapte e consiga seguir em frente sem o ser amado com o qual estava intimamente unida. A perda de um amor apresenta algumas semelhanças com o processo de luto. No luto o desinvestimento do ser deve ser realizado lentamente, onde o eu redistribui suas energias em outras representações. Quando o indivíduo paralisa em uma representação “o luto se eterniza em um estado crônico, que paralisa a vida da pessoa enlutada durante vários anos, ou até durante toda a sua existência” (NASIO, 2007, p.40). O eu continua amando a imagem de um ser que tem consciência de que não poderá mais ser seu, mas não consegue raciocinar, essa “não aceitação” da perda do amado pode ser tão tenaz que a pessoa pode chegar perto da loucura.

Caruso (1984) descreve a separação de pessoas que se amam verdadeiramente como a presença da morte ainda em vida, pois a lembrança do ser amado na consciência daquele que

está sofrendo pela perda causa um sofrimento indescritível, podendo ser comparado ao processo de luto conforme fora mencionado anteriormente. Além desse sofrimento pela “morte” do amado, também ocorre outro problema que, geralmente, é reprimido na consciência. Trata-se da tristeza causada pelo narcisismo do eu, ou seja, além de ter que se acostumar com a perda do seu amor, ainda sofre por saber que também será esquecido pelo amado.

Após falarmos sobre a dor da perda, iremos discorrer acerca dos mecanismos de defesa que o eu estabelece para amenizar o sofrimento causado pela separação da pessoa amada.

#### **1.4. O papel dos mecanismos de defesa do ego no processo de elaboração de perda de um amor.**

Como relatamos no item anterior, os fatos ocorridos no nosso dia a dia, tanto no ambiente externo como em nosso interior, são muito dolorosos e causam sofrimento. Diante disso, a nossa mente distorce ou oculta à realidade para evitar que tenhamos de lidar diariamente com tantos desprazeres. Essas manobras realizadas pelo Ego para “burlar” o sofrimento foram denominadas por Freud de mecanismos de defesa do ego. No decorrer deste item poderemos perceber que alguns destes mecanismos de defesa são utilizados no processo de elaboração da perda de um amor.

Para Freud, defesa é a operação pela qual o ego exclui da consciência os conteúdos indesejáveis, protegendo dessa forma o aparelho psíquico. O ego – uma instância a serviço da realidade externa e sede dos processos defensivos – mobiliza esses mecanismos, que suprimem ou dissimulam a percepção do perigo interno, em função de perigos reais ou imaginários localizados no mundo exterior. (BOCK, 2002, p.52).

Os mecanismos de defesa do ego ocorrem involuntariamente, não são planejados pelo indivíduo. Existem cerca de quinze mecanismos, iremos abordar neste item, apenas, aqueles que acreditamos serem os principais e que são comumente utilizados no processo de elaboração de perda de um sujeito amado, com o objetivo de amenizar o sofrimento causado pela realidade.

Iniciaremos abordando o recalque, esse mecanismo impede que o indivíduo veja e ouça o que está acontecendo ao seu redor, quando ele age, uma parcela da realidade é ocultada. A parte que é suprimida tem conexão com um todo, mas algum aspecto passa despercebido, sendo capaz de deformar o sentido do todo. “É como se, ao ler uma página, uma palavra ou uma das linhas não estivesse impressa e isso impedisse a compreensão da frase ou desse outro sentido para o que está escrito” (BOCK, 2002, p.53). Este mecanismo é considerado o mais radical destas formas de defesa, porque os demais, apenas, fazem deformações na realidade. É comum em casos de separações de entes queridos, que em algumas situações o sujeito não consiga “enxergar” uma situação que lhe causa dor, por exemplo, o inconsciente de um filho que acaba de perder a mãe pode utilizar-se do recalque, ocultando (inconscientemente) da sua mente o momento da morte.

A formação reativa é outro mecanismo de defesa que visa à adoção de um comportamento inversamente contrário ao pretendido pelo sujeito. A atitude que é externalizada visa esconder do indivíduo a sua verdadeira intenção, que para ele pode ser bastante dolorosa. No conto que será analisado a seguir, a personagem Adelaide faz uso deste mecanismo de defesa quando decide se vingar de uma pessoa que ela ama. No seu inconsciente, Adelaide ainda não deixou de amá-lo, mas como ela já está esgotada desse relacionamento, este mecanismo de defesa é utilizado, para que ela haja de maneira contrária ao seu verdadeiro sentimento, pois admiti-lo lhe causaria um enorme sofrimento.

A regressão ocorre quando o indivíduo retroage a comportamentos que já não eram mais praticados por ele, havendo, dessa maneira, um retorno a uma fase anterior do desenvolvimento onde ele não sentia tanto desprazer com tal atividade. “Um exemplo é o da pessoa que enfrenta situações difíceis com bastante ponderação, mas ao ver uma barata sobre a mesa, fica aos berros” (BOCK, 2002, p.53). Note-se que com tal comportamento, a pessoa deixa de agir de maneira costumeira e age de forma inesperada, pois a barata citada no exemplo pode ter todo um significado implícito que causaria sofrimento ao indivíduo.

A projeção é outro mecanismo de defesa que se encontra bastante presente em nosso dia a dia. Esse mecanismo faz com que haja o deslocamento de um instinto interior para o exterior, ou de um sujeito para outro. Há a projeção de algo que se encontra no interior do indivíduo para fora deste, mas ele não se dá conta do que aconteceu e trata aquilo que foi projetado como indesejável. Notamos a presença deste mecanismo na personalidade da personagem principal do conto *Os Sapatinhos Vermelhos*, na qual ela projeta nos sapatos

vermelhos uma nova identidade, ou seja, ver a possibilidade de tornar-se uma mulher mais decidida e por, finalmente em prática, seu plano de vingança.

Por fim, falaremos da racionalização, que diz respeito às boas explicações e, na maioria das vezes, convincentes que utilizamos para justificar determinados estados prejudiciais da consciência. “[...] na racionalização, o ego coloca a razão a serviço do irracional e utiliza para isso o material fornecido pela cultura, ou mesmo pelo saber científico”. (BOCK, 2002, p.53). Esse mecanismo de defesa atua como uma forma de evitar críticas e ataques de outras pessoas. Pode-se notar a presença quando uma pessoa não consegue realizar algo que tanto desejava, mas para evitar ataques, afirma que não queria tal coisa.

Todos nós fazemos uso destes mecanismos diariamente sem que possamos nos dar conta disso, pois é uma forma de proteção inconsciente. Só poderemos descobrir quem realmente somos e ver a realidade como ela é quando desvendarmos o que está por trás de determinadas atitudes ocultadas pelo nosso enigmático inconsciente.

Além dos mecanismos de defesa abordados anteriormente, Caruso (1984) aponta-nos outros que são utilizados no processo de separação dos amantes. Um dos primeiros mecanismos de defesa, utilizado pelo indivíduo fragilizado pela perda amorosa é a agressividade, onde o eu tenta desvalorizar a figura do amado, fazendo-se perguntas do tipo: “Como você foi capaz de me abandonar?”. “[...] a agressividade é um mecanismo de defesa; na medida que o amor se transforma em ódio, isso talvez permita uma desidentificação com o objeto, mas ao mesmo tempo, irá permitir uma união com ele”. (CARUSO, 1989, p.26). Nesta etapa do processo de elaboração da perda do amor há um “choque” entre amor e ódio. O eu que ama, tenta através da agressividade, desidentificar-se com o amado, mas ao mesmo tempo em que detém suas energias na raiva dele, encontra-se unido a ele pelo sentimento de amor e ódio.

A indiferença é outro mecanismo de defesa utilizado pela nossa mente. Nessa fase o indivíduo, devido ao processo de desidentificação passa a demonstrar desprezo pelo ser amado, através de frases do tipo “estou pouco me importando”. Essa falta de interesse do eu é um reflexo da diminuição do Ideal do Ego, bem como um aumento no narcisismo, o amor próprio passa a falar mais alto na consciência do indivíduo.

Após a agressividade e a indiferença, surge a fuga para adiante, nesse mecanismo o eu busca encontrar novos meios de afastar-se da dor causada pela perda do amor, seja através de um trabalho novo que lhe ocupe a mente, de um novo relacionamento, ou a procura de prazer,

como é o caso da personagem Adelaide do conto “*Os sapatinhos vermelhos*”, que abordaremos no capítulo seguinte deste trabalho. O eu ferido acredita que através do prazer pode conseguir amenizar a dor causada pela perda do amado, mas, geralmente, isso não acontece. Segundo Caruso (1984):

Uma alternativa aparente é a fuga em busca de prazeres, em geral proposta pelo Id; essa fuga também está sempre presente, ainda que às vezes de forma muito sublimada. As doses flutuantes de libido buscam novos objetos. Muitos chegam até a pensar em procurar um substituto. Nesse caso, é de considerável importância o mecanismo de substituição: mata-se melhor quando já se tem um substituto para o morto. (CARUSO, 1989, p.27).

É importante ressaltar que os mecanismos de defesa mencionados, não acontecem em etapas e de maneiras separadas conforme foram apresentados anteriormente. Eles encontram-se unidos e há momentos em que pode haver o embate entre eles. “[...] encontram-se entrelaçados e ocasionalmente podem chocar-se entre si como as diferentes posições defensivas de uma cidade em pé de guerra”. (CARUSO, 1989 p.27). As divisões ou delimitações apresentadas são apenas para fins didáticos e de facilitação do entendimento, uma vez que sabemos que tais mecanismos ocorrem de maneira inconsciente, não temos controle sobre as suas manifestações.

### **1.5 O inconsciente e a estrutura do aparelho psíquico humano**

O psicanalista Sigmund Freud através da análise de diversos pacientes, pôde constatar que o esquecimento era algo bastante recorrente no seu cotidiano de psicanalista. Freud percebeu que em alguns casos existia algo que impedia a seus pacientes que estes relatassem determinada lembrança, de determinados fatos ou situações passadas, sendo estas de momentos de alegria ou de dor, sendo assim o psicanalista passou a investigar algo que desde então ainda era considerado um mistério, o inconsciente humano.

Freud inicia seu extenso artigo O Inconsciente assinalando que é nas lacunas das manifestações conscientes que temos de procurar o caminho do inconsciente. Essas lacunas vão trazer para o primeiro plano da investigação psicanalítica aquilo que Lacan, seguindo Freud, chamou de “formações do inconsciente”: o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas. (GARCIA, 2009, p.71).



Em 1900, em sua obra “A interpretação dos sonhos”, Freud teceu as suas primeiras considerações acerca da estrutura do aparelho psíquico humano, tal estudo ficou conhecido como primeira teoria do aparelho psíquico. Segundo esta teoria, o aparelho psíquico seria composto por três sistemas, o inconsciente, o pré-consciente e o consciente, cada uma dessas instâncias ocupa um lugar na mente humana, desempenhando funções diferentes. A estrutura da mente humana, poderia ser comparada a figura de um iceberg, onde apenas uma pequena proporção das informações contidas são acessíveis, e nunca se sabe o que se encontra submerso.

O inconsciente é a parte inacessível da mente humana, uma vez que não sabemos o que se encontra localizado nessa instância. Os conteúdos armazenados nele podem em algum momento terem sido conscientes e terem provocado alguma forma de agressão à mente do indivíduo, sendo, portanto, reprimido e lançado no inconsciente. “O inconsciente é um sistema do aparelho psíquico regido por leis próprias de funcionamento. Por exemplo, é atemporal, não existem as noções de passado e presente” (BOCK, 2008, p.49). No inconsciente, encontram-se aqueles desejos mais reprimidos pelo indivíduo, aquilo que mais pretende esconder dos demais, como os seus medos, desejos irracionais, impulsos imorais e impulsos sexuais inaceitáveis. Algumas informações armazenadas neste sistema podem surgir no consciente sob a forma de sonhos, chistes, lapsos, atos falhos e sintomas.

O pré-consciente é um sistema, no qual as informações contidas nele podem ser acessadas pela consciência, nele são armazenadas lembranças e recordações que podem estar presentes na consciência em um determinado momento, quando o indivíduo recorda determinado fato, mas que, em seguida, retornam a ele. “Refere-se ao sistema em que permanecem os conteúdos acessíveis à consciência. É aquilo que não está na consciência nesse momento, mas no momento seguinte pode estar”. (BOCK, 2008, p.49). Esta parte da mente atua como um elo entre o consciente e o inconsciente, o seu conteúdo é composto por memórias e conhecimentos armazenados.

É no consciente que se encontram os raciocínios, pensamentos e percepções do sujeito, essa parte da mente é totalmente acessível, podendo ser utilizada conforme as necessidades do indivíduo. Diferentemente das demais instâncias, o consciente pode ser controlado, e suas informações utilizadas quando o sujeito julgar necessário, “é o sistema do aparelho psíquico que recebe ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as do mundo interior”. (BOCK, 2008, p.49).

Essa teoria da estrutura do aparelho psíquico foi ampliada por Freud entre 1920 e 1923, a partir da elaboração de uma segunda teoria do Aparelho Psíquico. Nela o psicanalista elaborou os conceitos como o de Id, Ego e Superego para apontar as três instâncias da personalidade humana. Nesta “nova” teoria, o Id é o inconsciente, pois é nele que ficam armazenados os desejos e pulsões mais intensas do indivíduo, as de vida e de morte. O Id é regido pelo princípio do prazer, ele desconhece as normas impostas pela sociedade acerca do que é certo ou errado, o seu único objetivo é fugir do sofrimento, buscando apenas satisfazer os seus desejos. As regras morais impostas pela sociedade não têm espaço no id, por ser inconsciente ele desconhece limites.

O Ego funciona como mediador entre os desejos do Id e as ordens do Superego, ele é o responsável por equilibrar as vivências do mundo externo com as vontades do interior do indivíduo. “É um regulador, na medida em que altera o princípio do prazer para buscar a satisfação, considerando as condições objetivas da realidade”. (BOCK, 2008, p.51).

O Superego é o nosso sensor interno, onde são armazenadas todas as regras do que é certo e errado, estabelecido pela sociedade, religião, família, etc. Este mecanismo age de maneira que recrimina os comportamentos que desviam das normas internalizadas. “O Superego origina-se com o Complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. A moral, os ideais são funções do superego. O conteúdo do superego refere-se a exigências sociais e culturais”. (BOCK, 2008, p.52). Quando em alguma situação agimos por impulso, desconsiderando todas as regras morais, somos punidos pelo Superego. Por exemplo, a nossa sociedade considera a traição algo “errado”, quando em um casamento um dos cônjuges trai, e em seguida começa a sentir grande remorso e sentimento de culpa podemos dizer que tal sentimento é resultado de uma artimanha do superego para punir o indivíduo por ter transgredido uma regra socialmente estabelecida.

Ambas as teorias de Freud acerca da estruturação do aparelho psíquico humano são de fundamental importância para entendermos o que há por trás da personalidade humana. Os sistemas que compõem a personalidade humana atuam em conjunto, cada um desempenhando a sua função. Podemos perceber que dentre os três sistemas o Id é o mais “obscuro”, por ser inacessível e não sofrer nenhuma espécie de limitação, pois é completamente inconsciente. Diferentemente desta instância, o Ego e Superego possuem apenas partes inconscientes que nos permite ter acesso aos seus conteúdos, ainda que de maneira limitada. De acordo com Bock:

É importante considerar que esses sistemas não existem como uma estrutura vazia, mas são sempre habitados pelo conjunto de experiências pessoais e

particulares de cada um, que se constitui como sujeito em sua relação com o outro e em determinadas circunstâncias sociais. Isso significa que, para compreender alguém, é necessário resgatar sua história pessoal, que está ligada à história de seus grupos e da sociedade em que vive. (BOCK, 2008, p.52).

Entendemos que tais sistemas agem em conjunto. Na realidade não há uma divisão bem detalhada das funções de cada um, ou seja, existem momentos em que os desejos do Id se tornarão tão impulsivos que o Ego será incapaz de controlá-los. Fazendo uma relação dessas três instâncias com a temática da dor de amar, podemos dizer a partir de Caruso, que quando ocorre a separação de pessoas que se amam acontece uma espécie de “catástrofe” no Ego (eu) do sujeito, pois a perda súbita do amado provoca nele um imenso desespero. A perda de identidade entre sujeitos que estavam unidos causa esse transtorno.

## **CAPÍTULO II**

**ENTRE A DOR E O GOZO: uma análise do conflito amoroso vivenciado pela personagem “Adelaide” do conto “Os Sapatinhos Vermelhos” de Caio Fernando Abreu**

## 2.1. Caio Fernando Abreu e o conto “Os Sapatinhos Vermelhos”

Neste capítulo, iremos analisar o conto “Os Sapatinhos Vermelhos” de autoria de Caio Fernando Abreu, que se encontra em seu livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, considerado um dos livros de contos mais populares, por apresentar temas do cotidiano, como a traição e a constante mudança de personalidade dos indivíduos. No conto, “os sapatinhos vermelhos” o autor entra na intimidade da personagem Adelaide nos mostra como o ser humano age quando coagido por raiva e sentimento de rejeição. O autor, na trama, despe sua personagem de todas as “máscaras” sociais e revela até onde podemos ir quando estamos sendo conduzidos pelos impulsos oriundos do id. Oliveira (2011) ao abordar sobre a produção literária de Caio Fernando Abreu ressalta que:

Possuidor de uma linguagem inovadora e transgressiva, Caio Fernando Abreu imprime aos seus textos um tom notadamente pessoal e uma análise profunda da alma humana. Apresenta o homem nu, despido de sua máscara de ser social, mergulhado na sua intimidade, nos seus conflitos consigo mesmo e com o mundo que o oprime e – em muito – lhe tolhe os desejos. Mostra, ainda, o homem perdido na própria antítese de seus desejos, na sua luta diária para encontrar-se dentro de si próprio. ( p.30).

Sendo assim, iremos analisar a batalha travada no inconsciente da personagem Adelaide, entre os seus desejos pessoais e as regras sociais, que ocasionam um conflito entre o Id e o superego. Tal conflito fica marcado pelo desejo de vingança (impulsos oriundos do id) da personagem pelo término de um relacionamento amoroso e o medo do castigo por estar indo na contramão das convenções sociais (superego) ao dar vazão aos seus desejos sexuais em plena semana santa.

Iniciaremos este item, apresentando aos leitores um pouco da vida e obra de Caio Fernando de Abreu, pois acreditamos ser indispensável a uma análise literária, conhecer um pouco sobre aquele que escreveu, uma vez que na análise também temos que levar em consideração todo o contexto social em que determinado texto foi escrito. “Interpretar, em sentido restrito é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a dialogar, é explorar toda fecundidade das ideias expostas, enfim, dialogar com o autor”. (LOPES, 2004, p.05).

Caio Fernando Loureiro Abreu era jornalista, escritor e dramaturgo, foi considerado um dos maiores expoentes da sua época, até hoje os seus textos fazem muito sucesso, e têm ganhado bastante destaque nas redes sociais, onde diariamente observamos publicações com

trechos de obras do autor.

Gay declarado em plena ditadura militar, o autor da obra prima "Morangos mofados" escrevia sobre temas como solidão, medo, sexo e morte. Hoje, ele ganha vida nas várias redes sociais, onde trechos de seus textos bombam entre a galera que usava fraldas ou ainda nem tinha nascido quando o autor perdeu sua batalha contra a Aids, aos 47 anos. (CASTRO, 2011, p.01).

O escritor gaúcho nasceu em Santiago do Boqueirão-RS, no dia 12 de setembro de 1948, iniciou o ensino superior no Curso de Letras e Artes Cênicas, mas abandonou-se para dedicar-se à carreira jornalística em revistas. Dentre as revistas nas quais trabalhou podemos citar: Veja, Manchete e Nova. Durante a Ditadura militar. Foi perseguido pelo DOPS – Departamento de Ordem Política e Social – e encontrou refúgio em São Paulo, na casa da escritora Hilda Hilst. Em 1973, o escritor fez uma viagem pela Europa, passando pela Espanha, Amsterdã, Estocolmo, Londres e Paris. Um ano depois retornou ao Brasil, onde viveu até a sua morte, em 1996.

A maior parte de sua obra é constituída de contos, dentre os quais ganharam destaque: Inventário do irremediável (1970), O ovo apunhalado (1975), Pedras de Calcutá (1977), Morangos Mofados (1982), Os dragões não conhecem o paraíso (1988) e as coletâneas de contos Ovelhas Negras e Estranhos Estrangeiros. Os seus contos retratam o contexto histórico no qual o autor estava inserido, um Brasil repleto de censuras, perseguições, torturas e diversos atos inconstitucionais que feriam o sentimento de liberdade popular.

O conto *Os Sapatinhos Vermelhos* faz parte do livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), uma de suas últimas obras a serem publicadas em vida. Este é um livro de contos composto por 13 histórias, cada uma delas apresentadas individualmente e com suas particularidades, mas, de maneira geral alguns de seus personagens se assemelham. Em nota destinada ao leitor o autor define seu livro como uma obra de “amor e sexo, amor e morte, amor e abandono, amor e alegria, amor e memória, amor e medo, amor e loucura” (ABREU, 1988, p. 19).

No contexto literário atual é comum encontrarmos releituras de contos de fadas famosos bastante conhecidos por crianças, que são reescritos com traços eróticos e direcionados ao público adulto, o conto “Os Sapatinhos Vermelhos” é resultado de uma releitura da obra de Christian Andersen. Caio Fernando Abreu faz uma releitura da obra de Christian que, diferentemente do seu conto, foi escrita para crianças, ao retratar a estória de uma menina ingênua e delicada que costumava sempre andar descalça, mas que, após ganhar

um par de lindos sapatinhos vermelhos, não conseguia parar de dançar após calçá-los. Até mesmo em horas inapropriadas, pois os movimentos eram involuntários.

Caio, em sua narrativa, desconstrói o conto de Andersen criando o que o autor chama de “uma versão para adultos [...]. Nunca escrevi nada tão obscuro” (ABREU, 2002: 136), em que a temática da oposição entre libertação e punição representadas pelos sapatinhos recebe uma nova roupagem. Caio dá ao seu texto um caráter de transgressão, de entre lugar. Ele não escolhe aleatoriamente o conto de Andersen para a sua (re)escrita, Caio escolhe um conto de fadas em que “o sapato e o pé feminino destacam-se como importantes marcas de gênero”. (TORRES, p.01).

Os sapatinhos vermelhos da obra de Christian Andersen e a de Caio Abreu têm conotação diferente, embora ambos apresentem os sapatos como símbolo de pecado. No conto de Andersen a jovem Karen era de família humilde e possuía apenas um par de sapatos para usar no inverno. Após a morte da sua mãe, ela ganha muitas roupas novas e pares de sapatos de uma senhora que a adotou. Um dia, ao ver uma princesa com um par de sapatos vermelhos a menina sente inveja, e, posteriormente, quando é levada para ir comprar os sapatos de seu batizado, ao se deparar com um par de sapatos vermelhos igual ao que ela havia visto, ela o escolheu aproveitando-se da pouca visão que a senhora tinha, pois sabia que ela não iria deixá-la usar, naquela ocasião, caso soubesse que eram vermelhos. Nos dois contos, os sapatos vermelhos trazem à tona sentimentos socialmente inaceitáveis: a inveja de Karen e a luxúria da personagem Adelaide (como iremos perceber posteriormente).

Tanto a inveja quanto a luxúria são consideradas, pela igreja católica, como pecados capitais. A inveja é o desejo de ter aquilo que pertence ao outro. “A inveja é vista como a manifestação de impulsos destrutivos intensos, orais e anais, e a maneira de sua resolução influencia decisivamente o desenvolvimento normal e anormal da criança, bem como a formação de seu caráter”. (KLEIN, 1987, p.12).

Na adaptação do conto, o narrador narra à estória de Adelaide, uma mulher de quase 40 anos, que havia terminado o romance de cinco longos anos com um homem casado e que estava em casa sozinha, sentindo-se abandonada e rejeitada pelo seu amado.

Tinha terminado então. Porque a gente, alguma coisa dentro da gente, sempre sabe exatamente quando termina. [...] Com os dedos da mão esquerda, esticou também a pele do outro olho. Não, nem tanto, que assim parecia uma japonesa. Uma japa, uma gueixa, isso é que fui. A putinha submissa a coreografar jantares à luz de velas, [...] vertendo trêfega os sais [...] na água da banheira, preparando uísques – uma ou duas pedras hoje, meu bem? (ABREU, 1988, p. 62).

Como forma de aliviar a dor que estava sentindo, movida, inconscientemente, pelo id ela começa a fumar e beber apressadamente, dando vazão ao princípio do prazer. Era véspera da Sexta feira da paixão e quando este dia chegasse, os seus pecados começariam a aflorar na consciência. Ao olhar-se no espelho, Adelaide se sentiu completamente destruída emocionalmente, até que começou a revirar as coisas em seu armário e encontrou uma caixa de seda azul-clarinho onde um par de sapatinhos vermelhos estava guardado.

É a partir do encontro com o embrulho que continha os sapatos vermelhos que Adelaide dá uma reviravolta no seu estado emocional e transforma-se em outra mulher, parecia ser um ritual premeditado anteriormente, como se ela já soubesse que iria passar por tal decepção, e, nesse caso, já sabia o que deveria fazer para amenizar a dor, conforme podemos observar no seguinte trecho extraído do conto:

Quase cedeu ao impulso de calçá-los imediatamente, mas sabia instintiva que teria primeiro que cumprir o ritual. De alguma forma, tinha decorado aquele texto há tanto tempo que apenas o supunha esquecido. Como uma estreia adiada, anos. Bastavam as primeiras palavras, os primeiros movimentos, para que todas as marcas e inflexões se recompusessem em requintes de detalhes na memória. O que faria a seguir seria perfeito, como se encenado e aplaudido milhares de vezes. (ABREU, 1988, p.64).

Dessa maneira, Adelaide deu início a um “ritual”. Enquanto se arrumava para sair colocou uma música para tocar, tomou um banho, pintou as unhas de vermelho no mesmo tom do sapato, vestiu um vestido preto colado, maquiou-se, guardou os documentos e talão de cheques na sua carteira, pegou as chaves do carro, e, por fim, sentou-se á penteadeira e, finalmente calçou os seus sapatinhos vermelhos. Olhou-se ao espelho e viu a imagem de uma mulher totalmente diferente daquela que tinha visto há pouco tempo, e saiu em busca de prazer e de vingança pela dor que estava sentindo pela rejeição do seu amante.

Adelaide vai para um bar onde conhece três homens de aparências físicas distintas, um negro, um tenista e um rapaz de estatura baixa, e começa a conversar e flertar com os três, paga-lhes uma bebida e apresenta-se a eles com o nome de Gilda. Pode-se perceber que aquela mulher que estava no bar não era a mesma de algumas horas atrás.

Falava como a dublagem de um filme. Uma mulher movia o corpo e a boca: ela falava. Um filme preto e branco, bem contrastado, um filme que não tinha visto, embora conhecesse bem a história, porque alguém contara, em hora de cafezinho, porque vira os cartazes ou lera qualquer coisa numa daquelas revistas femininas que tinha aos montes em casa. As mais recentes.



(ABREU, 1988, p.66).

Os três homens sentiram-se atraídos por Adelaide, pelo seu comportamento de mulher decidida que sabe o que procura, e ambos sentiram muito tesão por ela, ficaram ainda mais loucos quando viram os provocantes sapatinhos vermelhos em seus pés. Podemos inferir a partir de Freud, que Os sapatos de salto alto, assim como a cor vermelha representam um fetiche para os homens.

De acordo com Silva (2013), o termo fetichismo foi discutido por Freud em 1905, que a partir de suas elaborações teóricas postulou um novo sentido para esse termo já existente em relação à sexualidade humana. Na concepção freudiana, fetiche representa a substituição de um pênis na mulher através de um objeto, pois, ao escrever sobre a sexualidade infantil, Freud postulou que o menino (filho homem) acreditava desde a infância que a sua mãe possuía um pênis, e que mesmo na fase adulta não deixa de acreditar em tal coisa. Sendo assim, os homens passam a interpretar alguns objetos como sendo a presença deste órgão, originando assim o termo fetiche na Psicanálise. No conto em análise, podemos perceber que há o fetichismo dos três rapazes que mantêm relações sexuais com Adelaide calçada com os sapatos vermelhos. Na visão Psicanalítica, o côncavo do sapato pode ser uma representação da vagina da mulher, enquanto que o salto alto seria uma representação do pênis. O fetiche torna-se ainda mais intenso pela cor do sapato ser vermelho, uma vez que por trás dessa cor existe toda uma simbologia, de paixão, desejo e pecado.

Ao final da bebedeira Adelaide vai embora para casa acompanhada dos três homens, e ao chegarem a seu apartamento deram início a longa e demorada noite de prazeres sexuais. Adelaide fez sexo com os três homens, simultaneamente, em posições sexuais nunca experimentadas por ela antes. A única coisa que não queriam que ela fizesse era tirar os sapatos vermelhos.

O negro veio por trás, que gostava assim, tão apertadinho. Ela nunca tinha feito, mas ele jurou no ouvido que seria cuidadoso, depois mordeu-a nos ombros, enquanto a virava de perfil, muito suavemente, molhando-a de saliva com o dedo, para que o mais baixo pudesse continuar a lambe-la entre as coxas, enquanto o tenista-dourado, de joelhos, esfregava o pau pelo rosto dela, até encontrar a boca. [...] Foi quando o negro penetrou mais fundo que ela desvencilhou-se do tenista-dourado para puxar o mais baixo sobre si. Ele a preencheu toda, enquanto ela tinha a sensação estranha de que, ponto remoto dentro dela, dos dois lados de uma película roxa de plástico transparente, como num livro que lera, os membros dos dois se tocavam, cabeça contra cabeça. (ABREU, 1988, p.71)

Adelaide e os três rapazes praticaram sexo até que todos ficassem exaustos e se sentissem saciados. Após o meio dia, eles foram embora e ela ficou descansando, pois se sentia exausta. Dormiu até o Sábado de Aleluia quando foi acordada pelo som da campainha tocando, era o seu amante com um buquê de rosas vermelhas e um ovo de páscoa. Adelaide ainda cansada, disse-lhe: “Vá embora. Acabou!”. O amante ao perceber que o apartamento de Adelaide estava totalmente bagunçado e o seu corpo com hematomas no seu corpo provocados pelos chupões da noite anterior chamou-a de puta e vagabunda, mas, dessa vez, Adelaide não deixou-se abalar.

Após o seu amante ter ido embora, ela, finalmente tirou os seus sapatinhos vermelhos dos pés, como se aquele tivesse sido o final de algo que ela havia planejado há muito tempo, e sentiu-se aliviada, pois a sua vingança tinha sido completamente realizada.

No conto “Os sapatinhos Vermelhos”, notamos a presença de símbolos cristãos como a páscoa, sexta feira da paixão e sábado de aleluia, bem como a descrição de diversas cores ao redor da personagem Adelaide. Desse modo, percebemos que o vermelho é um dos principais símbolos da trama, a vingança da personagem gira em torno dos sapatos vermelhos, pois quando ela os calça torna-se “Gilda”, uma mulher de personalidade forte, totalmente diferente da recatada Adelaide. As cores nos dizem muito acerca da personalidade e dos desejos de uma pessoa. Segundo Cristina Cairo, bacharel em psicologia e educação física, em sua obra linguagem do corpo:

O perigo do vermelho está na alteração do sistema nervoso: mostra que a pessoa carrega raiva ou ira em sua alma e que, a qualquer momento, poderá ter uma crise nervosa contra alguém ou algo. O vermelho está relacionado à sexualidade e a toda a agressividade do ser humano. Quando se usa o vermelho se está indicando, inconscientemente, a necessidade de extravasar esse fogo através do trabalho, do lazer ou pelo ato sexual. (CAIRO, 1999).

Para Farina (1990), “Nas artes visuais, a cor não é apenas um elemento decorativo ou estético. É o fundamento da expressão. Está ligada à expressão de valores sensuais e espirituais”. Sabemos que a cor vermelha é considerada uma cor quente, que está ligada a paixão e ao desejo e, em alguns casos, também ao pecado, pois lembra-nos a cor da maçã, que é considerada o fruto do pecado.

Conforme fora apontado no item 1.1 deste trabalho, o que se entende por amor sofre variações de acordo com o contexto social, e, principalmente, com a conjuntura econômica. No conto “Os Sapatinhos Vermelhos” podemos notar que a condição social de Adelaide lhe

permite sair em busca de prazer, uma vez que ela é uma mulher financeiramente independente, a sua atitude de sair sozinha à noite, pagar bebida para rapazes e levá-los para o seu apartamento há algumas décadas seria praticamente impossível, uma vez que as mulheres não tinham um lugar ativo na sociedade, sendo submissas às vontades dos seus pais e maridos.

Atualmente, os avanços tecnológicos e a participação cada vez mais intensa da mulher em espaços, anteriormente considerados masculinos, tem favorecido a conquista da independência feminina, “paralelamente, os anticoncepcionais e os movimentos de liberação da mulher abriam um período de experimentação sexual, legitimando o não compromisso”. (COLASANTI, 1984, p.16). Assim como o homem, a mulher também pode e deve buscar a satisfação dos seus desejos, pois já existem meios que favorecem esta mudança de comportamento feminino.

## **2.2 A dupla identidade Adelaide/Gilda: conflitos entre o id, ego e o superego**

Neste item nos deteremos em analisar a batalha travada no inconsciente de Adelaide entre o Id e Superego no momento em que a personagem deseja se vingar do amante, mas alguma coisa dentro de si lhe causa medo de agir. No capítulo anterior, (item 1.5), apresentamos os postulados de autores a respeito da temática em questão, que serão o fundamento para a análise do conto. O conto *Os Sapatinhos Vermelhos* está dividido em três momentos, em cada um deles a personagem Adelaide se apresenta de uma maneira completamente diferente. Na primeira parte do conto, Adelaide mostra-se como uma mulher completamente “destruída” pelo término de um relacionamento amoroso. No segundo momento, a personagem transforma-se em Gilda, uma mulher de personalidade forte, totalmente diferente da primeira. Na terceira parte podemos dizer que ocorre o clímax do conto, quando a personagem, finalmente, sente-se realizada e totalmente vingada daquele homem que causou tanta dor.

Logo no início da trama, a personagem Adelaide trava um diálogo consigo mesma, no intuito de entender os últimos acontecimentos de sua vida amorosa. Nesse momento começa a elaborar o término de seu relacionamento amoroso com um homem casado que após cinco anos juntos não está mais correspondendo as suas expectativas. Conforme mencionado por Marina Colasanti (1984), não somos capazes de identificar o momento certo quando o amor

começa ou termina, mas, naquele momento, Adelaide sentia dentro de si indícios de que havia uma ruptura do laço que a unia ao seu amado. Conforme podemos observar no seguinte trecho extraído do conto: “Tinha terminado, então. Porque a gente, alguma coisa dentro da gente, sempre sabe exatamente quando termina - ela repetiu, olhando-se bem nos olhos em frente ao espelho. Ou quando começa: certos sustos na boca do estômago”. (ABREU, 1988, p.62).

É possível perceber que o relacionamento amoroso do casal já havia passado por altos e baixos e nesse momento Adelaide vive o ápice causado pela dor da perda. Ela só se lembrava dos momentos ruins que com ele viveu, um comportamento típico após o término de um relacionamento. De acordo com Igor Caruso (1987) a agressividade é um dos principais mecanismos de defesa utilizados nessa etapa, onde o sujeito só aponta os defeitos do outro para que as lembranças boas não lhe causem sofrimento.

Conforme fora afirmado por J. D.Nasio (2007) a perda física da pessoa amada com a qual estávamos intimamente habituadas nos causa uma dor imensa, que pode em alguns casos ser equiparada ao sentimento de perda causada pela morte. O indivíduo que sofre com a dor da partida do amado deve ir realizando um constante desinvestimento da imagem do ente querido para que se habitue a sua ausência e esta não lhe cause tanto sofrimento quanto por ele for lembrado.

A putinha submissa a coreografar jantares à luz de velas. - Glenn Miller ou Charles Aznavour?, vertendo trêfegos os sais - camomila ou alfazema? - na sua água da banheira, preparando uísques - uma ou duas pedras hoje, meu bem? Nenhuma pedra decidiu. E virou a garrafa outra vez no copo. Aprendera com ele, nem gostava antes. Tempo perdido, pura perda de tempo. E não me venha dizer, mas que teve bons momentos, não teve não? A cabeça dele abandonada em seus joelhos, você deslizando devagar entre os cabelos daquele homem. Pudessem ver seu próprio rosto: nesses momentos você ganhava luz e sorria sem sorrir, olhos fechados, toda plena. Isso não valeu Adelina? (ABREU, 1988, p.62).

Percebemos o duelo travado entre o Id, Ego e o Superego de Adelaide, quando após ter uma enxurrada de pensamentos sobre os momentos que viveu com o seu ex-amado, ela passa a se cobrar mentalmente, que deveria beber e fumar logo, pois estava na quinta feira da semana santa, e, quando o novo dia chegasse, seria um momento de se arrepender de todos os seus pecados e não poderia mais continuar bebendo e sofrendo por um homem casado, pois essas atitudes são socialmente consideradas “inaceitáveis”.

Sendo assim, é possível perceber que houve um “embate” entre o ID e o Superego na mente da personagem Adelaide. Ela vivencia um conflito e fica confusa. De um lado o id

parece impulsionar que ela se vingue do amante e de forma sexualmente prazerosa. Por outro lado, o superego, a sua polícia interna, tenta bloquear os desejos do id, fazendo a personagem pensar nos dias sagrados para o cristianismo, em que não seria permitido ceder aos desejos do id.

Bebeu outro gole um pouco sôfrega. Precisava apressar-se, antes que a quinta virasse Sexta-Feira Santa e os pecados começassem a pulular na memória feito macacos engaiolados: não beba, não cante, não fale nome feio, não use vermelho, o diabo está solto, leva sua alma para o inferno. Ela já estava lá, no meio das chamas, pobre alminha, nem dez da noite, só filmes sacros na tevê, mantos sagrados, aquelas coisas, Sexta-Feira da Paixão e nem sexo, nem ao menos sexo, isso de meter, morder, gemer, gozar, dormir. (ABREU, 1988, p.63).

No fragmento extraído do conto, podemos observar que o Superego de Adelaide aparece no momento em que ela lembra que deve parar de beber por que está chegando a Sexta feira Santa<sup>1</sup>, uma data repleta de proibições, dessa maneira, é possível constatar que tais regras foram internalizadas pelo seu Superego e encontram-se presentes no seu inconsciente.

É perceptível a presença do Superego através das proibições: “não beba, não cante, não fale nome feio, etc.” comandos que surgem do inconsciente de Adelaide. Nesse sentido, trava-se uma batalha entre o id e o superego, o primeiro buscando exclusivamente o prazer através da bebida e da vingança para fugir da dor, enquanto o Superego fica lembrando-lhe das normas impostas pela sociedade.

No decorrer da trama, a personagem Adelaide se olhou ao espelho e na sua imagem refletida viu uma mulher totalmente abalada e destruída pelo fim da relação, decidiu dar um fim no seu sofrimento e começou a revirar seu guarda-roupa em busca de algo que havia guardado: Os sapatinhos vermelhos. Inicialmente a personagem acreditou que aqueles sapatos vermelhos ousados não combinavam com a sua personalidade, mas, em seguida, tomou coragem e começou a colocar em prática uma vingança, que parece ter sido arquitetada há tempos. Percebemos o conflito entre o id e o superego, o id incitando a personagem Adelaide a calçar os sapatos vermelhos que lhe proporcionariam prazer, por outro lado, temos o superego que tenta alertá-la que esses sapatos não combinam com sua personalidade.

---

<sup>1</sup>A sexta feira Santa ou sexta feira da paixão, como é também conhecida, está inserida na semana santa, última semana de Jesus na terra - e no tríduo pascal, do qual é o segundo dia. É um dos dias de maior relevância na vida de um cristão católico, considerado dia de luto e de grande pesar, dia de tristeza e de jejum onde os fiéis com todas essas práticas afastam-se das alegrias do mundo recordam saudosos a morte de Cristo.

A protagonista por fim cede aos impulsos do id: tomou banho, maquiou-se e vestiu-se de maneira provocante, olhou-se no espelho novamente e não viu mais a mesma mulher que viu anteriormente, por fim, calçou os sapatos vermelhos e saiu de casa em busca de fugir da realidade que causava dor. “Apagou a luz do quarto, olhou-se no espelho de corpo inteiro do corredor”. Gostou do que viu. Bebeu o último gole de uísque e, antes de sair, jogou na gota dourada do fundo do copo o filtro branco manchado de batom. (ABREU, 1988, p.64).

Neste trecho, extraído do conto, podemos notar que ao jogar o filtro do cigarro dentro do copo vazio de bebida, Adelaide parece demonstrar que está deixando o passado amoroso de lado. Podemos supor, com base na Psicanálise, que o formato do cigarro representaria o pênis do seu amado envolvido em sua boca, que após esgotá-lo, com a chegada do filtro, jogá-lo. As cinzas deixadas pelo cigarro representam o término do relacionamento, ou seja, depois de uma grande paixão, restaram, apenas, as cinzas. Ao jogá-la no fundo do copo, Adelaide revela uma tendência de afogar o passado e parte em busca de novas aventuras.

Após se arrumar, calçar os sapatos vermelhos, Adelaide decide então colocar o seu plano de vingança em prática, e alguns instantes depois a sair de casa, a personagem já se encontrava sozinha sentada na mesa de uma boate, onde conheceu três rapazes de aparência física distintas. É possível notar que aquela personagem que se encontra na boate é uma mulher completamente diferente da que estava a sofrer no apartamento pelo fim de um relacionamento. Um rapaz veio falar com ela, em seguida pediu-lhe que convidasse também seus dois amigos que estavam acompanhando para sentar à mesa com eles. Nesse momento, Adelaide já apresentava sinais de que estava à procura de prazer, o primeiro jovem que veio conversar com ela, ao se dar conta das suas reais intenções, começou a apertar o joelho da protagonista por baixo da mesa, deixando sua calcinha úmida.

Falava como a dublagem de um filme. Uma mulher movia o corpo e a boca: ela falava. Um filme preto e branco, bem contrastado, um filme que não tinha visto, embora conhecesse bem a história. Porque alguém contara, em hora de cafezinho, porque vira os cartazes ou lera qualquer coisa numa daquelas revistas femininas que tinha aos montes em casa. (ABREU, 1988, p.66).

Ao ser indagada sobre seu nome, ela identifica-se como Gilda, todos os passos da sua vingança já haviam sido premeditados anteriormente, e ela não escolheu tal nome por acaso. A personagem baseou a sua vingança, no filme “Gilda”, encenado por Rita Hayworth. Nesse filme Gilda, assim como no conto representa as mulheres, que saem das fronteiras do lar e vão à busca de experiências sexuais-vivenciais.

No conto, podemos supor que o nome Gilda representa o Id da personagem, uma vez que, ao utilizar este nome, ela tem interesse em satisfazer os seus interesses através do prazer, bem como vingar-se do seu amado. Assim como o nome Adelaide estaria representando o Superego, por ser uma mulher recatada e submissa, que por medo da recriminação social, não deixa mostrar o seu verdadeiro eu, e vive uma vida inteira por trás de uma “máscara”, constantemente, preocupada com as normas internalizadas.

Com a boate vazia e a chegada da Sexta feira da paixão, Gilda e os rapazes, depois de terem passado noite trocando carícias e provocações, decidiram que, finalmente, tinha chegado o momento de concretizarem o que passaram a noite inteira desejando, sendo assim, foram convidados por ela a irem ao seu apartamento. Podemos perceber que Gilda é uma mulher decidida e de personalidade forte, que busca satisfazer os desejos do seu Id juntamente com pessoas que também querem satisfazerem seus desejos, além de esbanjar poder ao oferecer-se a pagar a conta da boate, e sair na frente dos três rapazes, deixando-os atrás admirados com as atitudes dela.

Nessa parte, Gilda e os três rapazes, estão no seu apartamento, todos excitados pelos seus sapatinhos vermelhos, conforme podemos observar em: “Que tirasse tudo, menos os sapatos- os três imploraram no quarto em desordem”. (ABREU, 1988, p.68). Mais uma vez fica claro o fetiche dos homens pelo sapato vermelho de Adelaide, uma vez que de maneira alguma eles queriam que ela o tirasse, pois vê-los em seus pés lhes dava prazer. No trecho a seguir encontra-se o clímax do conto, onde a vingança da personagem se concretiza. Ela manteve relações sexuais com os três jovens simultaneamente, em posições que ela nunca havia antes experimentado, é como se buscasse sua própria identidade através da figura transgressora (Gilda) e por isso o conflito, conforme podemos observar:

De outros jeitos, de todos os jeitos: quatro cinco vezes [...] Em frente ao espelho de corpo inteiro do corredor, sem se chocar que o mais baixo de repente viesse também por trás do tenista-dourado dentro dela, que acariciava o pau do negro até que espirrasse em jatos sobre os sapatos vermelhos dela, que abraçava os três, e não era mais Gilda, nem Adelina nem nada. Era um corpo sem nome, varado de prazer, coberto de marcas de dentes e unhas, lanhados de tocos de barbas amanhecidas, lambuzadas de leite sem dono dos machos das ruas. Completamente satisfeita. E vingada. (ABREU, 1988, p.70).

A prática contínua e incessante de sexo mesmo durante os dias que são considerados “proibidos” para os cristãos, mostra-nos que os desejos do Id prevaleceram sob o Superego, uma vez que esse último busca assegurar o cumprimento das normas morais internalizadas

pelo indivíduo. “O Ego sofredor necessita de consolo e sabe, pelas experiências passadas, que isso pode ser conseguido através do prazer; trata-se, geralmente de um equívoco” (CARUSO, 1984, p. 27). Supomos que, posteriormente, a personagem Adelaide possa vir a se arrepender de ter agido de determinada maneira, mas naquele momento não, pois os desejos do seu Id estavam sendo satisfeitos e estavam lhe causando prazer. Cada pessoa lida com a dor de uma maneira particular. Há pessoas que preferem se isolar do mundo, outras preferem sair e conhecer novas pessoas, no caso de Adelaide, o sexo foi à maneira escolhida pelo Id para fugir da dor causada pela separação.

Após a longa maratona de sexo, os rapazes foram embora, ao meio dia. O ápice da sua vingança acontece quando o seu amante reaparece no sábado de Aleluia, no seu apartamento, carregando um buquê de flores vermelhas e um ovo de páscoa. Nesse momento, ela o manda ir embora e diz que acabou, e já não sentiu mais nada ao ouvir os xingamentos que ele lhe disse, pois ela já estava superando o sentimento que tinha por ele. Após a sua saída, Gilda finalmente retirou os sapatinhos vermelhos e voltou a ser Adelaide, limpou toda a bagunça que haviam deixado no apartamento, tomou um remédio para dormir durante o sábado e domingo, e, no outro dia, voltou ao trabalho normalmente. A atitude de Adelaide de tomar remédio e dormir durante dois dias seguidos representa uma maneira encontrada pelo seu inconsciente para fugir da realidade através do sono. O sono em excesso é um mecanismo de defesa denominado por Freud de regressão. Ela se refugia no sono (assim como um recém-nascido que dorme dia e noite) para não se lembrar de tudo o que viveu com os três rapazes durante a sexta feira da paixão.

Dessa maneira, é possível perceber que os Sapatinhos vermelhos são o ponto de escape de Adelaide para fugir de todas as tensões impostas pelas regras morais, é através deles que ela busca refúgio para a sua dor, uma forma de aliviar tudo o que está sentindo. Os sapatos representam a fuga para adiante, a superação de forma momentânea quando vivencia breves instantes de prazer e quando expulsa o amante da sua casa, bem como, quando a personagem faz uso deles, é como se o seu Id estivesse no comando das suas ações. Nesse caso há um início de superação após a vingança.

### **2.3 A atuação dos mecanismos de defesa nas atitudes de Adelaide**

A partir da análise do conto “Os Sapatinhos Vermelhos” é possível, perceber a presença da efígie do amado de Adelaide, isso acontece, quando a personagem fica se



lembrando da imagem daquele que lhe era tão querido e de todos os momentos ruins que passaram juntos, ela não consegue mais enxergar felicidade em tudo que viveram. Ela realiza um superinvestimento na imagem do amado e, como forma de aliviar a dor, começa a fumar e beber para escapar do sofrimento, lembrando, apenas, dos momentos em que foi submissa e rejeitada por ele.

Conforme fora abordado no Capítulo I (item 1.2) o sofrimento e a dor psíquica não é provocado, apenas, pela perda do ser amado, mas também pelo sentimento de abandono, humilhação e mutilação.

Uma mulher pode viver a partida do seu amante com uma imensa infelicidade e considerá-la como um abandono definitivo, enquanto na realidade ela se revelará temporária. Sua dor nasce da certeza absoluta com a qual ela interpreta a ausência do seu amado como sendo uma ruptura sem volta. (NASIO, 2007, p.62).

Acreditamos que a dor sentida por Adelaide é fruto do abandono sofrido, pois, após cinco anos de relacionamento foi deixada sem nenhum motivo aparente. O abandono ocorre “quando o amado nos retira subitamente o seu amor” (NASIO, 2007, p.18). No momento em que a pessoa é abandonada, ela acredita que nunca mais conseguirá se reerguer da dor que sente, mas com o tempo esta dor vai sendo amenizada e conseqüentemente, já não se sente mais nada. É importante ressaltar que cada pessoa tem uma forma de encarar a dor da perda, mas há casos nos quais a pessoa não consegue superar a perda, entrando em um processo de luto patológico.

Em um determinado momento, Adelaide se lembra de um diálogo em que tiveram antes de terminar o relacionamento, no qual o seu amado, um professor, tradicional continuava calmo e sereno como de costume, ao proferir palavras que para ela significavam muito, uma mulher de aproximadamente 40 anos, que tinha dedicado cinco anos de sua vida a um homem que não nutria os mesmos sentimentos por ela. Conforme podemos observar em:

Nem um fio de cabelo fora do lugar enquanto repetia pausado, didático, convincente – mas Adelaide, você sabe tão bem quanto eu, talvez até melhor, a que ponto de desgaste nosso relacionamento chegou. Devia falar desse jeito mesmo com os alunos, impossível que você não perceba como é doloroso para mim mesmo encarar esse rompimento. Afinal, a afeição que nutro por você é um fato. (ABREU, 1988, p. 63).

Cada vez que Adelaide se lembrava das palavras utilizadas pelo seu amado para romper o relacionamento com ela lhe causava mais raiva, até que chegou o momento em que ela decidiu não mais sofrer por alguém que não merecia. A raiva sentida por Adelaide é bastante comum quando ocorre o término de relacionamentos, é um meio encontrado pela mente humana para evitar que o sujeito tenha que suportar tanto sofrimento. Esse processo acontece através dos mecanismos de defesa.

Conforme foi abordado no capítulo anterior, Freud identificou uma série de mecanismos de defesa do ego, mecanismos estes que foram aprofundados por Caruso (1984) ao afirmar que após haver a separação de amantes o indivíduo lança mão de alguns mecanismos de defesa para se proteger, até conseguir superar a perda do amado e seguir em frente, são eles: *catástrofe do ego*, quando o “eu” fica totalmente desorientado pela perda do amado, sentindo-se como se mais nada na vida fizesse sentido; *agressividade* é bastante comum após o término de relações amorosas, o sujeito que sofre sente raiva por ter sido “deixado”; *na fuga para adiante*, indivíduo que foi deixado pelo outro não quer mais continuar sofrendo e decide sair em busca de outro relacionamento, ou de outras maneiras prazerosas que lhe permitam esquecer aquele que lhe provocou tamanha dor.

Tomando como base os escritos deste autor, acreditamos que Adelaide utilizou-se de alguns destes mecanismos de defesa para sair do sofrimento causado pela perda amorosa. Percebemos a presença da *fuga para adiante* no momento em que Adelaide decide que não irá mais sofrer pelo término da relação, conforme podemos notar em: “Apagou a luz do quarto, olhou-se no espelho de corpo inteiro do corredor. Gostou do que viu. Bebeu o último gole de uísque e, antes de sair, jogou na gota dourada do fundo do copo o filtro branco manchado de batom”. (ABREU, 1988, p. 64). A personagem decidiu se arrumar de maneira provocante e sair em busca de prazer, de conhecer pessoas que tenham o mesmo interesse que ela para ajudá-la a amenizar a dor causada pela separação, como meio de fugir da dor que o eu sente pela partida do amado.

Essa fuga para frente está condicionada especialmente pelo Superego; visa à conservação do Ideal do Ego e se manifesta basicamente como uma fuga na atividade, um escape muito comum nessa situação, sobretudo quando se trata de pessoas conformistas e obcecadas pelo dever. Uma alternativa aparente é a fuga em busca de prazeres, em geral proposta pelo Id; essa fuga também está sempre presente, ainda que às vezes de forma muito sublimada. (CARUSO, 1984, p.27).

Para Caruso, quando o indivíduo se utiliza inconscientemente da fuga para adiante não significa dizer que ele está em busca de uma nova relação amorosa para substituir a que acabou, mas sim, busca matar o objeto do seu amor através de outro.

Além da fuga para adiante, também notamos no conto, a presença da *agressividade*. De acordo com Caruso este é um dos primeiros mecanismos utilizados após o processo de separação, onde tenta a todo custo desvalorizar aquele que se foi não conseguindo mais enxergar nenhuma qualidade nele.

Mesmo que a consciência registrasse aspectos negativos no companheiro, o certo é que ele correspondia a fortes expectativas do Ideal do Ego. Agora sua imagem deve ser desvalorizada para que o Ego, profundamente ferido, possa se reconciliar com um ideal do Ego abalado e tenha condições de continuar vivendo [...] trata-se da forma mais segura de tornar definitiva a morte do ausente na consciência e torná-la aceitável para o Ego. (CARUSO, 1989, p.26).

Esse processo de agressividade causa dor no sujeito, uma vez que ele busca esquecer todas as qualidades e virtudes que o seu amado tinha, e lembra-se, apenas, dos momentos ruins que vivenciou ao lado do ser amado, na perspectiva de expulsá-lo de dentro de si para superar o abandono que sofreu. No trecho a seguir, podemos perceber que Adelaide fez uso deste mecanismo.

Não, nem tanto, que assim parece japonesa. Uma japa, uma gueixa, isso é que fui. A putinha submissa a coreografar jantares à luz de velas. - Glenn Miller ou Charles Aznavour?-, vertendo trêfegos os sais - camomila ou alfazema? - na sua água da banheira, preparando uísques - uma ou duas pedras hoje, meu bem? (ABREU, 1988, p.61)

Nessa passagem do conto podemos perceber que Adelaide, recorda-se com agressividade, e tenta desvalorizar os momentos vividos com o seu amado, não consegue mais enxergar beleza. Talvez, no momento em que tais fatos aconteceram Adelaide tenha sentido prazer e gostado da maneira como ocorreu, mas no momento em que tenta lidar com a dor do abandono a única saída para defender o seu Ego, é através da rejeição e desvalorização do amado.

Nesse sentido, vimos que a personagem Adelaide, após o término de um relacionamento amoroso, passa a agir de maneira “atípica” ao seu comportamento rotineiro, mas, logo volta ao normal. Vimos através dos postulados da psicanálise que o inconsciente da personagem utiliza-se de diversos mecanismos de defesa como forma de fugir do sofrimento

causado pela perda do ser amado. Os sapatos vermelhos recebem lugar de destaque no conto, pois toda a vingança de Adelaide gira em torno deles, que, além de terem uma representação de fetiche, para ela representam uma forma de assumir uma nova identidade, comandada pelo Id.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a literatura contemporânea encontra-se repleta de releituras de contos que despertam o interesse e imaginação dos leitores, sendo assim, acreditamos que trabalhos como este são capazes de despertar ainda mais, uma vez que ao relacionar os postulados da Psicanálise com a Literatura estamos fazendo uma intertextualidade entre duas áreas distintas do conhecimento, que proporcionam uma maior flexibilidade e novas maneiras de interpretar um texto.

Apesar de não termos tido na graduação o hábito nem o contato frequente com trabalhos como este, de realizar análises utilizando duas áreas do conhecimento distintas, sabemos que estes têm uma importância relevante para nós enquanto pesquisadores e futuros formadores de opiniões. A realidade humana é um tanto complexa, e trabalhar a problemática social apresentada pela Literatura através de um conto é uma tarefa bastante prazerosa, pois muitas pessoas se identificam com os personagens e as histórias retratadas nos contos, veem neles uma maneira diferente de enxergar a realidade, muitas vezes proporciona um deleite ao leitor.

Iniciamos este trabalho com o objetivo de identificar o conflito de interesses travado na mente de Adelaide. Na nossa análise foi possível perceber que no inconsciente da personagem existe um conflito entre o seu Id e Superego, o id querendo a todo custo satisfazer-se através do prazer e realizar a vingança, sem se importar com regras impostas pela sociedade, já o Superego da personagem tentava reprimir-la lembrando-lhe de que estava na semana santa e que os seus desejos eram pecados. Foi possível perceber que após esse duelo, o Id venceu, uma vez que Adelaide saiu em busca de prazer e satisfaz o seu desejo sexual, conseguindo vingar-se do seu amado ao manter relações sexuais com três homens simultaneamente.

Encaramos o ato de sair em busca de prazer como uma forma de vingança de Adelaide contra o seu amado, que fez com ela perdesse cinco anos de sua vida dedicando-se a ele e a um sentimento que não era recíproco. Acreditamos também que Adelaide já havia planejado todo o ritual de vingança na sua mente, pois desde o início do relacionamento ela já havia percebido que em algum momento a separação iria acontecer. Sendo assim, Adelaide incorpora uma nova personagem “Gilda” e sai em busca de concretizar o que havia premeditado. Gilda e os sapatos vermelhos são a maneira encontrada pela personagem para

fugir da realidade que lhe causa dor, ela se esconde atrás deles para satisfazer os seus desejos inconscientes.

Não poderíamos deixar de ressaltar a importância dos sapatos vermelhos no conto, que segundo Freud, constitui-se um fetiche. O fetiche consiste em representar simbolicamente a imagem da vagina da mulher na parte aberta do sapato e do pênis masculino representado pelo salto. Tal fetiche tornou-se ainda mais aguçado devido à cor do sapato ser vermelho, pois sabemos que se trata de uma cor quente que tem uma simbologia que remete ao pecado, paixão, e conseqüentemente a sexualidade. Na nossa análise podemos perceber que o sapato vermelho representa o Id da personagem, ou seja, a parte inconsciente da sua mente, onde se encontra os seus impulsos sexuais e agressivos mais obscuros. Enquanto Adelaide usa os sapatos ela não demonstra ter nenhuma espécie de preocupação com as normas morais impostas pela sociedade, o seu único interesse é satisfazer os seus desejos mais íntimos.

Outro aspecto importante analisado no conto é a presença dos mecanismos de defesa que tentam proteger a personagem do sofrimento causado pela separação do seu amado, um dos principais mecanismos utilizados por Adelaide é a fuga para adiante, quando ela cansada de sofrer por um amor não correspondido decide por sair em busca de prazer, pois ficar em casa relembrando o seu amado só iria lhe trazer mais sofrimento.

Na graduação em Letras Português, ao cursar a disciplina de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento fomos apresentados a autores e conceitos que farão parte das nossas vidas, além da academia. Conhecimentos sobre a subjetividade humana que tornaram as aulas muito prazerosas. São conhecimentos como estes que pretendemos utilizar no decorrer da nossa carreira para que assim como nós apaixonamos por essa área encantadora que é a psicologia, nossos futuros alunos também possam ter contato e conseqüentemente apaixonem-se por ela. Literatura e Psicologia: um casal perfeito, que nos leva a outra dimensão, e faz-nos ver a realidade sob outra ótica, completamente diferente da que estamos habituados.

Estamos concluindo este trabalho com o sentimento de dever cumprido, onde parte de um sonho começa a ser concretizado, e novos sonhos começam a despontarem no caminho. Este trabalho representa o término de um ciclo árduo de estudos, que não acaba agora, com a graduação. É nesse momento que devemos parar para refletir acerca do ser humano que desejamos ser enquanto profissionais da educação, e analisar as contribuições que a conclusão de um curso superior acarreta. Sabemos que agora uma nova etapa se inicia, juntamente com novos desafios e aprendizagem, pois isto é o que nos move.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Os Dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo- Cia das Letras, 1988.
- BOCK, Ana Mercês. *Psicologias; uma introdução ao estudo da Psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CAIRO, Christina. *Linguagem do corpo*. São Paulo: Mercuryo, 1999.
- CARUSO, Igor. *A separação dos amantes: uma fenomenologia de morte*. São Paulo: Diadorim- Cortez, 1989.
- CASTRO, Juliana. *Morto há 15 anos, Caio Fernando Abreu está vivo nas redes sociais, é cultuado por jovens e ganha livros, documentário e peça*. (Texto on-line, disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/megazine.htm>). Acesso em: 05 de janeiro de 2016.
- COLASANTI, Marina. *E por falar em amor*. São Paulo: Editora Rocco, 1984.
- COLLIN, Catherine; GRAND, Voulla; BENSON, Nigel; LAZYAN, Merrin; GINSBURG, Joannah; WEEKS, Marcus. *O livro da Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012.
- CONCHE, Marcel. *A análise do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FARINA, M. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo, Editora Edgard Brücher Ltda., 1990.
- FREUD, Sigmund. (1925-1926). Um estudo autobiográfico In: \_\_\_\_ Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- KLEIN, Melanie. *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. 1957
- MOURA, Joviane. *Sexualidade na Psicanálise*. 2008
- NASIO, Juan David. *A dor de amar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- SALGADO, Renata. *Sobre o fetichismo*. UFJF, 2012.
- SILVA, Fábio César. *O desenvolvimento do conceito de fetichismo nas obras de Freud*. Revista de Filosofia. Fortaleza, 2013.